

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

DEYSE FRANCISCA DE SOUSA

**O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: POSSÍVEIS IMPEDIMENTOS E
OPORTUNIDADES.**

VIANA

2022

DEYSE FRANCISCA DE SOUSA

**O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: POSSÍVEIS IMPEDIMENTOS E
OPORTUNIDADES.**

Monografia apresentada à Coordenadoria do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Práticas Pedagógicas, do Instituto Federal do Espírito Santo, *Campus Viana*, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Práticas Pedagógicas.

Orientador – Profª Ms: Sinara Nunes Guedes.

VIANA

2022

(Biblioteca do Campus Viana)

S725p Sousa, Deyse Francisca de .

O processo de inclusão de alunos com deficiência visual nas aulas de educação física escolar: possíveis impedimentos e oportunidades / Deyse Francisca de Sousa. - 2022.

44 f. : il, ..

Orientador: Sinara Nunes Guedes

TCC (Especialização) Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Viana, Pós-Graduação Lato Sensu em Práticas Pedagógicas para Educação Profissional e Tecnológica, 2022.

1. Inclusão. 2. Educação Física Escolar. 3. Deficiência Visual. 4. Intervenção pedagógica . I. Guedes, Sinara Nunes . II. Título III. Instituto Federal do Espírito Santo.

CDD: 371.9

Bibliotecário/a: Lorrany Oliveira Müller Amorim CRB6-ES nº 855

RESUMO

O presente estudo busca compreender e aprofundar sobre os processos inclusivos, os avanços e as possíveis barreiras pertencentes à área da Educação Física Escolar em relação à participação de um aluno com deficiência visual (cegueira total) em uma escola pública regular da Rede Estadual de Ensino localizada no Município de Vila Velha/ES. Nesse contexto, foi elaborada uma proposta de intervenção pedagógica baseada nos fundamentos dos Três Momentos Pedagógicos, aplicando os conceitos discutidos sobre a temática do filme “Vermelho como Céu”. Em relação à aplicabilidade, a mesma se concretizará a partir das atividades práticas utilizando os jogos coletivos pré desportivos como um conteúdo que visa à inclusão social como meio para aprimorar a autonomia, o espírito participativo e coletivo de todos. Inspira-se nas ideias da Tendência Pedagógica Progressista Libertadora e na Teoria Sóciointeracionista. No que diz respeito à metodologia, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo e exploratório. No entanto, em virtude dos protocolos sanitários da Pandemia de Covid-19, a proposta não foi aplicada na prática. Neste sentido, a mesma foi desenvolvida a partir da pesquisa bibliográfica baseando-se em estudos já publicados. Interpretando as informações obtidas, constataram-se que a formação acadêmica do Professor de Educação Física e o currículo praticado nas escolas seriam fatores que poderiam levar à exclusão dos alunos com deficiência visual durante as aulas. No geral, esta pesquisa também pretende contribuir para a reflexão acerca da educação inclusiva, sobretudo, da Educação Física Inclusiva em relação aos alunos com deficiência visual, buscando reestruturar e identificar evidências que possam romper com a exclusão escolar.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Deficiência Visual. Inclusão.

ABSTRACT

The present study seeks to understand and deepen the inclusive processes, advances and possible barriers belonging to the area of School Physical Education in relation to the participation of students with visual impairments during classes in a regular public school of the State education network located in the Municipality. from Vila Velha/ES. In this context, a proposal for a pedagogical intervention was developed based on the foundations of the Three Pedagogical Moments, applying the concepts discussed on the theme of the film "Red as Heaven". Regarding the applicability, it will materialize from practical activities using pre-sports group games as a content that aims at social inclusion as a means to improve autonomy, the participatory and collective spirit of all. It is inspired by the ideas of the Liberating Progressive Pedagogical Tendency and the Social Interactionist Theory. With regard to methodology, it is characterized as a qualitative, descriptive and exploratory research. However, due to the health protocols of the Covid-19 Pandemic, the proposal was not applied in practice. In this sense, it was developed from the bibliographic research based on studies already published. Interpreting the information obtained, the historical factors that possibly may have led to the exclusion of students with students with visual impairments during classes were verified. In general, this research also intends to contribute to the reflection about inclusive education, especially about Inclusive Physical Education in relation to students with visual impairment, seeking to restructure and identify evidence that can break with school exclusion.

Keywords: School Physical Education. Visual impairment. Inclusion.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	O PESQUISADOR E SEU CONTEXTO	13
1.2	APRESENTANDO A PESQUISA	13
1.3	PROBLEMA DE PESQUISA	16
1.4	JUSTIFICATIVA	16
1.5	HIPÓTESES	17
1.6	OBJETIVOS	17
1.6.1	Objetivo Geral	20
1.6.2	Objetivos Específicos	20
2	REFERENCIAL TEÓRICO	18
3	METODOLOGIA	27
3.1	LÓCUS E SUJEITOS DA PESQUISA	27
3.2	METODOLOGIA DA PESQUISA	27
3.3	INSTRUMENTOS DE COLETA E PRODUÇÃO DE DADOS	28
3.4	METODOLOGIAS DE ANÁLISE DE DADOS	28
4	REVISÃO DE LITERATURA	29
5	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	34
6	DISCUSSÕES DOS DADOS	40
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

1.1 O PESQUISADOR E SEU CONTEXTO

Início esta pesquisa relatando que estudei em escolas públicas do município de Viana/ES durante todo o ensino básico e atualmente sou licenciada em Educação Física pela Faculdade Católica Salesiana de Vitória/ES (2012-2015) e bacharel pelo Claretiano – Centro Universitário (2017-2018). Ainda durante a primeira graduação, no último semestre, ingressei no curso de Especialização em Educação Inclusiva e Diversidade pelo Instituto Superior de Educação de Afonso Cláudio/ES (2015-2016).

Inicialmente não foi um processo fácil, tendo em vista que as cobranças e os questionamentos em relação ao futuro de como seria a minha atuação profissional, se fizeram presentes ao longo de todo o curso. Sendo assim, o ingresso no curso de licenciatura em Educação Física, foi desafiador, principalmente por ter que lidar com a questão da desinformação e muitas vezes com a desvalorização educação física no ambiente escolar. Com isso, fui à busca pelo conhecimento do processo histórico de como esta disciplina foi se transformando ao longo do tempo, e como essas transformações impactaram meu processo de formação docente.

Sendo assim, com minha vivência, através de vários estudos, debates e leituras foi possível compreender o verdadeiro papel dessa disciplina no campo escolar, desmitificando vários tabus e readequando meus paradigmas.

Para tanto, ao me questionar sobre como seria a minha atuação enquanto professora, decidi investigar a Educação Física sob a perspectiva da inclusão, tendo em vista os desafios desse processo, uma vez que por trás desta temática se escondem muitos problemas que carecem de estudos aprofundados para serem solucionados. Visto isso, o que me levou a escolher este tema, foi a minha experiência profissional com o público de deficientes visuais durante o meu processo de estágio ainda durante a graduação.

Ao me entranhar no mundo das leituras que dizem respeito ao tema da inclusão, percebo que ainda temos muito a evoluir e que se faz necessário buscar meios que possam contribuir para um novo olhar sobre esses sujeitos, que neste caso, me remete a pensar em várias possibilidades significativas que valorizem os alunos com

deficiência visual na busca pela equidade. No entanto, apesar de questões como acessibilidade, inclusão, leis e direitos adquiridos por essa parcela da população, ainda existe um longo e árduo caminho para percorrermos na busca por igualdade de condições.

Dentre as várias deficiências existentes, esta pesquisa focará na deficiência visual, que segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através da realização do CENSO 2000, foram registradas 169.799.170 pessoas, onde o total de deficientes dentro desse valor era de 24.620.880 (14,5% da população brasileira), neste caso, cerca de 48% das pessoas são deficientes visuais, 23% com deficiência motora, 17% com deficiência auditiva, 8% com deficiência intelectual e 4% com deficiência física.

Neste sentido, o intuito desta pesquisa é aprofundar sobre os conhecimentos acerca do processo de inclusão de alunos com deficiência visual nas aulas de Educação Física Escolar, buscando entender os motivos que levam aos possíveis impedimentos em relação à participação nas aulas, investigando e analisando o processo de inclusão dos alunos com deficiência visual nas aulas de Educação Física no ensino regular.

Especificamente, a Educação Física, tem várias possibilidades adaptativas e interativas, que visam o comprometimento com o ensino de qualidade para os alunos com deficiência, no qual a quantidade de experiências humanas e a experiência com as práticas corporais são significativas para o desenvolvimento integral dos sujeitos.

1.2 APRESENTANDO A PESQUISA

O pressuposto do movimento inclusivo defende que os alunos com deficiência devem ser incluídos nas escolas de ensino regular. Assim, o processo educacional deve atender as suas necessidades específicas, bem como entender e respeitar as diferenças, permitindo que esses alunos sejam sujeitos ativos tanto dentro quanto fora da escola (RODRIGUES, 2006).

Neste sentido, a inclusão de alunos com deficiência demonstrou diversos problemas existentes no sistema educacional brasileiro e que se tornaram mais evidentes com a chegada desse público à escola. Exemplos são professores e auxiliares carentes

de formação adequada e continuada, salas de aula superlotadas, profissionais desmotivados, precarização do ensino, entre outros (CAIADO, 2003).

Essas consequências também se fizeram presentes no âmbito da Educação Física Escolar, e neste caso no que diz respeito à participação de alunos com deficiência visual nas aulas, autores como Costa e Munster (2017) identificaram momentos persistentes de não participação desses alunos durante as aulas de Educação Física, devido a fatores como: falta de materiais acessíveis, escassez de adaptações metodológicas de cunho inclusivo no currículo escolar.

Neste panorama, é importante reconhecer que a história da Educação Física sempre esteve associada com a questão da aptidão física e com o desempenho esportivo, e este fato a tornou uma área seletiva, onde as pessoas com menos desempenho ficavam à margem desse processo. Nesta perspectiva, Chicon (2008) cita que esse pensamento colaborou para que o corpo ideal para a Educação Física até então militarista, era o corpo forte e higiênico, onde essa busca pela perfeição ficava restrita às características físicas que conduzem aos padrões de rendimento.

Assim, a respeito da concepção tradicional de ensino, Lopes (1999, p.24) relata que:

A Educação Física na maioria das escolas tem um enfoque tradicional, centrada no professor, que privilegia os mais aptos, não desenvolvendo estratégias individualizadas, e exclui aqueles que não possuem os padrões motores adequados - nestes se encaixam os alunos portadores de deficiência.

Contudo, como alternativa em relação a re(construção) desse cenário tão excludente que perpassa nas aulas de Educação Física Escolar, recomenda-se que as práticas corporais sejam estruturadas com base nos conteúdos curriculares que contemplem o direito à inclusão.

Nesse sentido, entendemos que a escola deveria ser o principal espaço para que os alunos com deficiência possam conhecer as práticas corporais, nos quais estão presentes as lutas, os esportes, os jogos, a ginástica e a dança. Reforçando essa ideia, Vago (1999, p. 23) afirma que “essas práticas corporais podem ser então apropriadas, manipuladas subvertidas pelos sujeitos que delas fazem usos diversos nas aulas de Educação Física”.

A Educação Inclusiva consiste na ideia de uma escola que não seleciona crianças em função de suas diferenças individuais, sejam elas orgânicas, sociais ou culturais.

Este paradigma rompe com a ideia de “aluno padrão” e a suposição de que existe um único processo de ensino-aprendizagem “normal e saudável” para todos os sujeitos (GLAT; et. al, 2006, p. 01).

O presente estudo busca compreender e aprofundar sobre os processos inclusivos, os avanços e as possíveis barreiras pertencentes à área da Educação Física Escolar em relação à participação dos alunos com deficiência visual durante as aulas.

1.3 PROBLEMA DE PESQUISA

Como se dá o processo de inclusão de um aluno com deficiência visual nas aulas de Educação Física Escolar em uma escola regular da rede pública estadual de ensino localizada no município de Vila Velha/ES?

1.4 JUSTIFICATIVA

A educação inclusiva vem se consolidando de forma gradativa, portanto, não bastando apenas que os alunos frequentem a sala de aula, a escola tem que intervir no processo de ensino-aprendizagem, incluindo novas práticas pedagógicas que possibilitem a educação dos alunos deficientes de forma integral, em todas as suas totalidades, atingindo uma educação de qualidade no mesmo nível que os demais.

“Entende-se por inclusão, a garantia, a todos, do acesso contínuo ao espaço comum à vida em sociedade, esta que deve estar orientada por relações de acolhimento à diversidade humana [...] em todas as dimensões da vida” (BRASIL, 2001, p.20). Diante desta problemática, a escola é tida como um espaço heterogêneo e enriquecedor onde a aprendizagem ocorre através da diversidade por propiciar zonas de conhecimento.

Dentro desse contexto, a Educação Física ocupa um papel de destaque dentro do ambiente escolar, pois as aulas se configuram como uma grande aliada para o desenvolvimento dos indivíduos cegos. De acordo com Cidade e Freitas (2009), existem varias atividades que podem auxiliar na percepção física, motora e social dos deficientes visuais, conhecendo o próprio corpo, tendo o domínio do espaço onde ele está inserido.

Lima (2010) cita que no contexto da atividade pedagógica, não só os excluídos, mas todos os educandos de maneira geral devem ter acesso às diferentes práticas, propondo situações nas quais apareçam as potencialidades de cada aluno.

1.5 HIPÓTESES

Os alunos com deficiência visual possuem dificuldades em participar de determinadas atividades nas aulas de Educação Física, devido à falta de acessibilidade nos espaços, inflexibilidade dos conteúdos curriculares e falta de materiais adaptados. Os professores também sofrem desses impeditivos, principalmente em relação à falta de formação inicial e continuada.

1.6 OBJETIVOS

1.6.1 Objetivo Geral

Propor uma ação educativa de intervenção pedagógica, buscando aprofundar e compreender os processos de inclusão de um aluno com deficiência visual (cegueira total) nas aulas de Educação Física Escolar em uma escola regular da rede pública estadual de ensino do município de Vila Velha/ES.

1.6.2 Objetivos Específicos

- Destacar os principais avanços, desafios e impedimentos que caracterizam a inclusão nas aulas de Educação Física Escolar.
- Identificar se existe algum fator que impossibilite a inclusão dos alunos com deficiência visual nas aulas de Educação Física Escolar.
- Analisar as ações implementadas para efetivar os aspectos inclusivos, considerando os limitantes de acesso da escola á recursos e aos processos burocráticos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 TENDÊNCIA PEDAGÓGICA PROGRESSISTA LIBERTADORA

A Tendência Pedagógica Progressista Libertadora criada pelo educador brasileiro Paulo Freire, dentre outros aspectos, propõe uma reflexão crítica acerca da realidade. Com isso, o processo educativo deve cumprir o seu papel cultural e social, tendo em vista que: “a educação é práxis, do contrário não é educação” (GUTIÉRREZ, 1988, p.108).

Para Libâneo (2003), conhecer a realidade concreta em que o aluno está inserido faz com que nós, professores busquemos meios para desenvolver e aprimorar a nossa prática de ensino, tendo em vista a problematização daquilo que é discutido na sociedade. Com isso, o autor diz que: o “esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que é em que se acham” (FREIRE, 2013, p. 100).

Conforme Sousa Junior (2010, p. 31) aponta:

A revolução é autotransformação do homem, é práxis humana, atividade finalista que intervém transformando as circunstâncias em relação com as quais o homem se constrói. Uma nova consciência só será possível se houver uma transformação do homem, e esse homem transformador, a partir do qual pode surgir a nova consciência, apenas através de um movimento prático revolucionário é que poderá emergir historicamente. Desnecessário lembrar que o homem novo e a nova consciência são interdependentes e ambos se constroem no processo educativo da práxis revolucionária.

A sociedade é marcada por uma complexidade que exige que a escola repense o seu papel e as suas condutas, a fim de que seu espaço seja reconhecido como um lugar democrático, respeitando e convivendo com a diversidade. Para mudar a escola, é preciso reorganizar a sua estrutura como um todo, de modo que estas mudanças não devem ficar apenas restritas ao currículo escolar, mas sim estender essa organização ao campo pedagógico e institucional, concebendo os valores humanos (CARDOSO, 2004).

O modelo educacional tradicional empregado no Brasil, fez com que Paulo Freire denominasse de educação bancária, onde os conhecimentos são “depositados” nos alunos, que neste caso são apenas receptores do saber, tendo a função de memorizar e repetir os conteúdos que são transmitidos eliminando qualquer forma

de inquietação e autonomia. Para tanto, ele propõe que a educação seja problematizadora, considerando a essência humana dos alunos e a compreensão crítica da realidade (SOUZA, 2001).

Neste sentido, Freire propõe a discussão e o trabalho a partir de temas geradores que devem ser considerados a partir “[...] da problematização prática de vida dos educandos” (LIBÂNEO, 1993, p. 33) trazendo uma ótica fundada na transformação social, dos processos econômicos e políticos e da conscientização acerca dos movimentos construtivos da humanidade mediante uma prática libertadora e revolucionária (BRANDÃO, 1981).

Assim, o contexto escolar perpassa para além de uma concepção progressista de ensino, contemplando o currículo crítico, a constituição do sujeito histórico, a realidade histórica e dialética e o conhecimento como construção cultural e social (LIBÂNEO, 2003).

Desta maneira, esta tendência pedagógica destaca – se também pela busca em construir uma relação horizontal com os educandos. Libâneo (2003) diz que, os debates se constituem como uma importante ferramenta para compreender o ponto de partida que devemos adotar em relação à contextualização do ensino “investigar seu atuar sobre a realidade, que é a sua práxis” (FREIRE, 2013, p. 136).

Para o processo de libertação, Freire (2013), diz que é essencial que todos os sujeitos busquem a compreensão de suas necessidades na perspectiva de provocar e promover a inserção de uma realidade crítica. No entanto, a luta pela liberdade tem o objetivo de tornar o homem disposto a refletir sobre a sua práxis, implicando a sociedade com a intenção de transformá-la. Assim, “se o momento já é o da ação, esta se fará autêntica práxis se o saber dela resultante se faz objeto da reflexão crítica” (FREIRE, 2013, p. 73).

Dentro dessa perspectiva, concluímos que, os ideais da Pedagogia Libertadora vão de encontro com os objetivos da presente proposta de intervenção pedagógica, onde buscamos reconhecer e compreender a importância da efetividade do processo inclusivo para a construção de uma sociedade igualitária com condições de acesso e permanência em relação ao público alvo desta pesquisa, neste caso os alunos com deficiência visual.

2.2 TEORIA DA APRENDIZAGEM SÓCIOINTERACIONISTA

A teoria que mais se adequa para esta pesquisa é a teoria Sócio –Interacionista , criada pelo psicólogo Lev Vygotsky. Sendo assim, a escolha por esta abordagem se deu por acreditar que a aprendizagem é um processo de construção, onde o desenvolvimento varia conforme o ambiente sob a ótica da subjetividade. Dessa maneira, a linguagem tem uma função central no desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Assim, os alunos organizam os seus conhecimentos por meio dos dados que são fornecidos pela cultura (FREITAS, 2000).

Rego (2002, p. 98), descreve a Teoria Vygotskyana:

Em síntese, nessa abordagem, o sujeito produtor de conhecimento não é um mero receptáculo que absorve e contempla o real nem o portador de verdades oriundas de um plano ideal; pelo contrário, é um sujeito ativo que em sua relação com o mundo, com seu objeto de estudo, reconstrói (no seu pensamento) este mundo. O conhecimento envolve sempre um fazer, um atuar do homem.

O fato de Vygotsky enxergar o homem como um ser histórico, foi imprescindível para ir à busca de outros fatores que pudessem contribuir para uma visão de ensino que considerasse os sujeitos em sua totalidade. Contudo, este ponto foi fundamental para entender que os alunos possuem suas individualidades e suas histórias de vida que devem ser levadas em consideração durante a construção do processo ensino aprendizagem.

Segundo Darsie (1999, p. 9): "Toda prática educativa traz em si uma teoria do conhecimento. Esta é uma afirmação incontestável e mais incontestável ainda quando referida à prática educativa escolar".

Para tanto, a apropriação dos aspectos positivos dessa teoria, faz com que a aprendizagem se torne efetiva a partir do momento em que haja a intervenção do professor através da mediação com as zonas de desenvolvimento, que o autor afirma que “aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã” (VIGOTSKY, 1984, p. 98).

Em relação à fala do autor citado acima, quanto mais eficiente à interação do professor/aluno entre aquilo que os estudantes já sabem e o que eles ainda precisam aprender, melhor será o aprendizado (DUARTE, 1999).

O educador começa a compreender agora que quando a criança adentra na cultura, não somente toma algo dela, não somente assimila e se enriquece com o que está fora dela, mas que a própria cultura reelabora em profundidade a composição natural de sua conduta e dá uma orientação completamente nova a todo o curso de seu desenvolvimento (Vigotski, 1995, p. 305).

A importância da figura do docente nesta teoria é fundamental para o desenvolvimento intelectual e social dos alunos, uma vez que o professor atua para que sempre haja avanços em relação aos conhecimentos historicamente acumulados pela sociedade. Sendo assim, “o afetivo se constitui pelo que a linguagem traz de valor, de tons para o interior do sujeito” (BARBOSA, 2011, p. 21).

A abordagem embasada por Vigotsky não desiste de fazer com o que processo de ensino aprendizagem seja mediado através da aquisição de funções superiores, o que neste caso, justifica a lógica que relaciona o sócio interacionismo com a apropriação de conceitos que vão para além da realidade, visando à recriação e reelaboração de papéis sociais e culturais (BARBOSA, 2011).

Leontiev (1978) caracteriza esse processo de apropriação, pelo indivíduo, dos produtos culturais humanos:

Devemos sublinhar que esse processo é sempre ativo do ponto de vista do homem. Para se apropriar dos objetos ou dos fenômenos que são o produto do desenvolvimento histórico, é necessário desenvolver em relação a eles uma atividade que reproduza, pela sua forma, os traços essenciais da atividade acumulada no objeto. (p.268).

Os objetivos propostos nesta pesquisa se inserem no contexto da teoria sociointeracionista, uma vez que se propõe uma reflexão crítica em relação à inclusão de alunos com deficiência visual nas aulas de Educação Física através da mediação do professor com base em pressupostos teóricos e práticos.

2.3 PRÁTICA PEDAGÓGICA DA PESQUISA

Para Damiani et.al (2013), as pesquisas de intervenção pedagógica educacional são aplicadas de maneira intencional, contribuindo na prática para a resolução de uma série de problemas. Neste sentido, o objetivo é ampliar o conhecimento, analisando os resultados que serão avaliados posteriormente.

Portanto, entende-se que:

são investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações) – destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam – e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências (DAMIANI, et.al, 2013).

A mesma autora cita em seu estudo que pesquisas deste tipo já eram identificadas e apontadas por Vygotski, desde o século passado. Para este estudioso, teoria e prática são igualmente importantes.

De acordo com Veiga (1992, p. 16) a prática pedagógica é “[...] uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social”. Sendo assim, os processos educativos são baseados por ações que possam relacionar os conteúdos ensinados na escola com questões de interesses sociais.

Com isso, “[...] a experiência e as sensações vividas contribuem para que os alunos recorram aos aspectos concretos da realidade, guardando coerência com as características de interpretação do mundo [...]” (SENICIATO; CAVASSAN, 2004, p. 146).

É imprescindível refletir acerca da realidade dos sujeitos e a sua relação com o mundo, construindo uma perspectiva crítica de ensino através de diálogos, provocações e temas inquietantes. Do mesmo modo, devemos elaborar propostas curriculares que valorizem a bagagem cultural e social dos alunos.

[...] ensino como atividade crítica, uma prática social saturada de opções de caráter ético, na qual os valores que presidem sua intencionalidade devem ser traduzidos em princípios de procedimentos que dirijam e que se realizem ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem” (SACRISTÁN e PÉREZ GOMÉZ, 1998, p.373).

Sendo assim, será possível visualizar a importância do planejamento da nossa ação didática, onde devemos buscar soluções pertinentes relacionadas à nossa disciplina e também fora dela.

De acordo com Tardif (2004, p.118) “[...] ensinar é desencadear um programa de interações com um grupo de alunos, a fim de atingir determinados objetivos educativos relativos à aprendizagem de conhecimentos e à socialização”.

Devido ao atual momento em que estamos vivendo, não foi possível aplicar a proposta pedagógica na prática. Com isso, optou-se por basear a prática pedagógica em literaturas e autores que já trabalharam com interferências pedagógicas semelhantes.

Para tanto, nesta pesquisa será utilizada os “Três Momentos Pedagógicos” como uma proposta que viabilize a práxis educativa. Desta maneira, a problematização das questões iniciais será realizada através da exibição do filme: “Vermelho como Céu” e também com aulas práticas que contemple a os aspectos inclusivos durante as atividades.

A abordagem metodológica dos Três Momentos Pedagógicos foi inspirada através da perspectiva da Teoria Freireana, constituída por meio da dialogicidade e investigações temáticas compostas por três etapas (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2002).

1º Momento – Problematização inicial: A primeira etapa é a problematização inicial, tendo como foco desafiar os educandos através de questionamentos e discussões, buscando soluções para um determinado problema apresentando situações reais por meio de experiências vivenciadas por eles. Portanto, “[...] a problematização poderá permitir que o aluno sinta a necessidade de adquirir outros conhecimentos que ainda não detém” (DELIZOICOV; ANGOTTI, 1992, p. 29). É necessário identificar os conhecimentos prévios dos alunos em relação ao tema proposto, e incentivá-los a irem em busca de novas concepções para solucionar o problema em questão. Sendo assim, no primeiro momento, os alunos assistirão ao filme escolhido e elencarão os pontos mais relevantes na vida dos personagens.

Na sequência, refletirão sobre a seguinte questão: Qual a temática central do filme em relação às pessoas com deficiência, principalmente no que diz respeito à inclusão dos alunos com deficiência visual no ambiente escolar, sobretudo nas aulas de Educação Física no contexto atual?

2º Momento - Organização do conhecimento: Esta etapa busca estabelecer relações, desenvolvendo conceitos e definições na busca de apresentar aos alunos meios diferentes para subsidiar os conhecimentos teóricos onde possa formular

outras explicações para os questionamentos da etapa anterior (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2002).

Com isso, serão demonstrados e explicados através de vídeos, leituras e ilustrações os processos históricos de (exclusão total, segregação, integração e inclusão) que as pessoas com deficiência passaram e ainda passam até hoje. Em seguida, será aberto um momento de diálogos e reflexões sobre a questão problematizadora que foi descrita anteriormente, instigando os alunos a pensarem criticamente sobre os aspectos da exclusão e do preconceito, trazendo relatos de como isso impacta em diversos fatores em nossa sociedade.

3º Momento - Aplicação do conhecimento: Este é o momento de explorar novos conhecimentos apresentando uma situação cotidiana baseada na realidade dos alunos utilizando os conhecimentos científicos. Portanto, nesta última fase, ocorrerá a construção coletiva do conhecimento, onde eles terão que incluir estratégias que contemple a inclusão de todos na atividade.

Ainda dentro desse momento, os alunos farão uma análise acerca do ambiente físico da escola, descrevendo se os espaços são acessíveis ou não para o aluno com deficiência visual. Assim, vai ser importante relatar se foram realizadas adaptações nas salas de aula, nos espaços esportivos, nos laboratórios de informática, biblioteca, nos banheiros, bem como se existe alguma sinalização, como piso tátil e informações descritas em braile para facilitar o deslocamento e a compreensão de todos.

2.4 CONTEÚDO A SER TRABALHADO NA PESQUISA

Por ser tratar de uma disciplina ampla com diversos conteúdos, a Educação Física pode ser trabalhada de diversas maneiras, tendo como base as especificidades da cultura corporal de movimento que são as lutas, esportes, danças, jogos e brincadeira e ginástica. Neste sentido, após a exibição do filme “Vermelho como Céu”, serão realizadas aulas práticas tendo como conteúdo principal os jogos coletivos pré- desportivos, promovendo vivências e práticas de aceitação humana e social.

Os jogos pré- desportivos são consideradas atividades recreativas e lúdicas. Assim, de acordo com Soares et.al (2009), o jogo auxilia no desenvolvimento dos indivíduos

oportunizando o aprendizado das capacidades físicas e motoras, atuando como facilitador no processo de aquisição de novas demandas e experiências. Portanto, se torna “[...] um ato em que sua intencionalidade e curiosidade resultam num processo criativo para modificar, imaginariamente, a realidade e o presente” (SOARES et.al.,2009, p.65).

Os mesmos autores afirmam que, os jogos podem sofrer alterações em relação as suas normas e regras, sendo adaptado de acordo com a necessidade dos participantes. O que neste caso, acontece com as atividades deste presente projeto de intervenção pedagógica, onde as dinâmicas apresentadas será com base na inclusão, sensibilização e da aceitação do outro.

Respeitar algumas limitações e privilegiar as habilidades faz parte das atividades propostas, oportunizando e promovendo os ajustes necessários para o desenvolvimento de todos os alunos.

2.5 TECNOLOGIA EDUCACIONAL UTILIZADA NA PESQUISA

O uso de diversos equipamentos digitais está se tornando cada vez mais habitual, e através deles é possível ter facilidade de acesso a informações, bem como conhecer novas formas de aprendizagem que possam ser acessíveis para todos.

De acordo com Silva e Cilento (2014), é necessário que o ambiente escolar possibilite os processos dinâmicos superando a simples transmissão de informações. Para isso, o educador deve estar inserido nos espaços da cultura digital, promovendo atitudes e pensamentos, construindo práticas interativas através das diversas ferramentas digitais existentes.

Este momento atual está exigindo que toda comunidade escolar se mobilize em prol de um ensino que contemple todos os alunos e professores, de modo a incluir as tecnologias digitais com os conteúdos ensinados no espaço físico da escola.

A ferramenta tecnológica foi pensada para atender as necessidades do aluno com deficiência visual na escola e também fora dela. Neste sentido, um dos objetivos é apresentar a importância dos diversos tipos de programas e aplicativos que contemplam a inclusão de maneira ampla, oportunizando o acesso de todos no processo ensino aprendizagem.

Sendo assim, o desenvolvimento das tecnologias assistivas está cada vez presente em diversos setores e espaços do nosso cotidiano, entretanto, a proposta é favorecer as pessoas com algum tipo de deficiência, síndromes ou mobilidade reduzida para que elas consigam realizar as suas tarefas com maior facilidade, promovendo a inclusão em todos os ambientes (GALVÃO FILHO, 2013).

Portanto, a ferramenta tecnológica que será utilizada nesta pesquisa será o NVDA: Leitor de Tela Livre para Windows. O NVDA é uma sigla em inglês que significa "Acesso Não Visual ao Ambiente de Trabalho". O software foi desenvolvido em meados de 2006, por um estudante cego australiano que precisava se adaptar ao meio em que vivia e por isso, colocou em prática a ideia de desenvolvê-lo.

O leitor de telas para o sistema Windows é um software gratuito, disponibilizado em mais de 20 idiomas com o objetivo de facilitar o acesso em todas as funcionalidades gerais do Windows para pessoas com cegueira total e/ou parcial, além de indivíduos com baixa visão, permitindo que elas acessem através do computador conteúdos e informações que constam no ambiente digital. Portanto, todas as informações que fazem parte da programação são fornecidas através de uma voz sintética e/ou escrita Braille (BARDIM, 2010).

Principais características: navegar na internet através do sistema Mozilla Firefox com acesso a e-mail, entre outras paginas e sites, instalador com voz fácil de utilizar, suporte básico para acessar os pacotes de Microsoft Word e Excel, bem como outros pacotes do sistema Windows, anúncio automático do texto onde o mouse estiver e indicação audível opcional da posição do mouse (BARDIM, 2010).

Para Cozendey e Costa (2018, p. 1), "[...] a audiodescrição, além de ser um recurso de ensino importante para pessoas cegas e com baixa visão, pode facilitar a compreensão ou explicação de um conceito a alunos que não apresentam limitações visuais".

Neste contexto, é necessário garantir que os conteúdos curriculares, seja pensado de acordo com as peculiaridades e os interesses do público alvo, neste caso o aluno com deficiência visual, tendo como base as problemáticas que possam suprir a necessidade de todos.

3 METODOLOGIA

O tipo de abordagem que melhor se adéqua para esta pesquisa é a abordagem qualitativa, pois esta fornece elementos que possam analisar os dados coletados, partindo da qualidade das informações. Sendo assim, Diehl (2004) citado por Dalfovo, Lana e Silveira (2008, p.7) complementa que:

A pesquisa qualitativa, por sua vez, descreve a complexidade de determinado problema, sendo necessário compreender e classificar os processos dinâmicos vividos nos grupos, contribuir no processo de mudança, possibilitando o entendimento das mais variadas particularidades dos indivíduos.

Em virtude dos protocolos sanitários da Pandemia de Covid-19, a proposta de intervenção pedagógica não foi aplicada na prática. Neste sentido, a mesma foi desenvolvida a partir da pesquisa bibliográfica baseando-se em estudos já publicados.

3.1 LOCUS E SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa foi planejada para ser desenvolvida com os alunos da 2ª série do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Florentino Ávidos”, localizada Av. Vitória Régia - Ibes, Vila Velha - ES, 29104-485. A turma é composta por 31 alunos, sendo 01 deles com cegueira total congênita. Neste atual momento, em função da pandemia de Covid-19 a escola está funcionando no modelo de ensino híbrido, sendo adotado o rodízio entre os alunos, dividindo a turma em dois grupos em dias distintos.

A escolha por esta turma se deu pelo fato do aluno com deficiência visual fazer parte dela. No entanto, é válido ressaltar que talvez a intervenção fosse mais efetiva e duradoura se ocorresse nas séries iniciais em função do planejamento e permanência dos indivíduos no ambiente escolar.

3.2 METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa exploratória proporciona uma visão mais ampla do problema a ser investigado, contribui para focar os sujeitos que serão investigados, bem como se apropriar de outras fontes de dados para obter as informações necessárias para nortear as questões dos estudos. Assim, “[...] a fase exploratória torna-se, pois, importante para delinear melhor o objeto de estudo” (ANDRÉ, 2005, p. 48).

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA E PRODUÇÃO DE DADOS

Essa pesquisa se baseia através de levantamento das produções disponíveis em dados bibliográficos. Portanto, optou-se por utilizar bases de dados como: google acadêmico, periódicos da CAPES e SciELO - *Scientific Electronic Library Online*. Buscando dialogar com outras questões que são pertinentes á área estudada, sendo essencial para fomentar a pesquisa. Neste sentido, foram utilizadas palavras chaves como “Educação Inclusiva” AND “Educação Física Inclusiva” AND “Alunos com deficiência visual nas aulas de Educação Física”.

Na sequência, foi realizada a análise dos materiais encontrados, bem como a observação dos apontamentos que serviram de ponto de partida para prosseguirmos com o estudo. Depois, foram elaborados os capítulos do referencial teórico que serviu de base para compor esta pesquisa, por meio de reflexões e diálogos com os pesquisadores da área.

3.4 METODOLOGIAS DE ANÁLISE DE DADOS

O estudo incorpora um caráter de pesquisa bibliográfica, compreendendo conceitos e estimulando o debate sobre o referido tema. Sendo assim, de acordo com Cervo (1983, p. 55) a pesquisa bibliográfica “busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existente sobre um determinado tema ou problema”.

De acordo com Marconi e Lakatos (2003), o intuito da pesquisa bibliográfica é colocar o pesquisador em contato com todo tipo de conhecimento que já foi produzido sobre determinado assunto. Desta maneira, propicia descrever e sistematizar os conhecimentos sob um novo enfoque podendo chegar a descobertas e conclusões inovadoras.

A análise dos dados é realizada através da revisão de literatura sobre a temática da inclusão nas aulas Educação Física escolar, á fim de ampliar e sistematizar os conhecimentos que foram produzidos anteriormente.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 PERCUSOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

O processo de construção e implementação da inclusão de pessoas com deficiência na sociedade, reflete em fatos históricos ocorridos em diferentes épocas, levando em consideração os aspectos políticos, sociais e econômicos. Neste sentido, a trajetória destinada a este público sempre foi marcada por ações e atitudes de menosprezo e exclusão (RODRIGUES, 2006).

Segundo Cidade e Freitas (2009, p. 31) “[...], a pessoa com deficiência é segregada, excluída, estigmatizada e condenada ao isolamento em nome da normalidade, cujos critérios parecem ser produtividade e adaptação aos padrões pré-estabelecidos socialmente”.

A dificuldade social em aceitar as diferenças individuais foi fortemente influenciada pela sociedade capitalista que, em sua construção ideológica, não aceitava aqueles que não se enquadravam nos modelos humanos pré-estabelecidos, principalmente aqueles pertencentes às classes menos favorecidas. Sendo assim, todos deveriam ser iguais, mecanizados, manipuláveis e úteis; indivíduos que fazem e não refletem sobre suas ações. [...], eram classificados como inúteis e excluídos do convívio com a sociedade (CHICON; SILVA DE SÁ, 2011, p. 171).

Em relação à fala acima, o autor se opõe destacando que: “a representação social do sujeito que possui uma deficiência não se resume na sua própria história de vida, mas acima de tudo na historicidade do que herdou gratuitamente na sua forma de existir” (RODRIGUES, 2010, p.13).

Para tanto, a luta contra a exclusão “[...] está presentificada – fomos, somos e seremos responsáveis, na história da humanidade, pela opressão, pela libertação, pela formação da consciência crítica [...] pela provocação de práticas sociais mais justas” (PADILHA, 2007, p.115).

A partir desse cenário, surgiram três fases em relação à participação das pessoas com deficiência na sociedade, que influenciou diretamente o contexto escolar: a segregação, a integração e a inclusão (SILVA; SEABRA JUNIOR; ARAÚJO, 2008).

Durante muito tempo a segregação predominou no campo da educação, as crianças com deficiência eram excluídas da família e da sociedade, elas eram atendidas em instituições separadas, ou seja, as escolas especiais eram consideradas como centro de reabilitação para essas pessoas (SASSAKI, 1997). No entanto, é válido ressaltar que: “a fase da educação segregada durou até o século XX, e foi caracterizada pelo atendimento de alunos com deficiência em ambientes especializados, porém segregados” (CASTRO, 2005, p. 406).

Sendo assim, a segunda fase, movimento da integração surge como crítica a este processo, iniciando-se na década de 1970. Nesta fase acontece o surgimento das classes especiais dentro das escolas comuns. No entanto, um dos principais fatos desse processo de integração é que o atendimento aos alunos com deficiência mudou de caráter médico-higienista para educacional (CASTRO, 2005).

O modelo de integração escolar era destinado para os estudantes que conseguissem se adequar ao nível das classes regulares, portanto, o sistema regular não mudaria a sua estrutura. Na verdade esses alunos teriam que se adaptar a classe para não serem excluídos (SASSAKI, 1997).

Nesta perspectiva, percebemos que é o aluno que deve se adaptar a escola, e não o contrário, onde, a instituição que teria a responsabilidade de promover a diversidade através da inclusão. Com isso, fica evidente que o processo de integração acabou reforçando ainda mais o paradigma da segregação e da exclusão (CASTRO, 2005).

Castro (2005) destaca que a integração é um modelo ambíguo no qual a criação de salas especiais dentro das escolas regulares, continuava sempre uma prática segregativa, entretanto, a autora cita que esse modelo preparava o deficiente para interagir com as demais pessoas sem deficiência, porém esse preparo não foi a diante.

A terceira e última fase, denominada de inclusão, destaca a necessidade de acesso e permanência das pessoas com deficiência não só no ambiente escolar, mas também em diversos segmentos da sociedade (GLAT, et.al, 2006).

No entanto, sob a influência de diversos documentos que tratam a inclusão de maneira geral, sobretudo o movimento da educação inclusiva, nota-se muitas

mudanças, como a criação de várias leis que tratam sobre os aspectos da inclusão escolar.

A constituição Federal de 1988 garante que a educação é direito de todos. A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 9394 de 1996 é um dos avanços mais importantes se tratando do direito á educação.

A inclusão escolar é uma inovação educacional que traz consigo uma proposta de abertura das escolas às diferenças. Porém, o ensino oferecido pela maioria delas, atualmente, não favorece tal revisão conceitual e pedagógica, uma vez que velhos modelos de ensino corroboram para a manutenção de medidas excludentes (BRASIL, 2003 apud LIPPE; ALVES; CAMARGO, 2012, p. 82).

A prática inclusiva envolve a valorização das diferenças entre as pessoas, e essa mesma diferença pode ser uma vantagem, sendo resgatada sob a ótica de valores atitudinais de ambas as partes (CASTRO, 2005).

Seguindo essa reflexão, percebe-se que é a partir do movimento da inclusão que a “diferença” entre os alunos, não podem ser meramente toleradas, mas sim valorizadas com uma ferramenta de educação, onde se tem vários subsídios para fomentar a prática da construção de uma sociedade que seja capaz de incluir.

4.1.1 Educação Física Inclusiva

A Educação Física, sendo uma disciplina que faz parte do currículo escolar, não pode ficar de fora do movimento inclusivo, uma vez que esta disciplina possui as suas especificidades que podem contribuir para a construção de uma educação que possa trabalhar a partir da diversidade e diferenças entre os alunos (CIDADE; FREITAS, 2009).

Complementando a fala citada acima:

A Educação Física enquanto componente curricular da educação Básica tem que assumir uma nova postura, incluir e integrar o aluno as culturas corporais do movimento, formando o cidadão que irá reproduzi-la, voltandose para lúdico, a socialização, envolvendo vários conteúdos, como, luta, dança jogos e brincadeiras, aptidão física e esportes em geral, em virtude da qualidade de vida (BETTI; ZULIAN, 2002 p.75).

Neste panorama, é válido ressaltar que a Educação Física Adaptada se difere da Educação Física Inclusiva, porém ambas podem se complementar em um determinado momento. A primeira é uma área de conhecimento que discute os problemas das pessoas com deficiência buscando adaptar as atividades para este

grupo de pessoas, com o intuito de desenvolver atividades diversificadas de acordo com as habilidades e as limitações dos alunos com deficiência (GORGATTI, 2005).

Para tanto, a Educação Física Adaptada segundo Rosadas (1994, p.05), "é a Educação Física aplicada em condições especiais, visando uma população especial que necessita de estímulos especiais de desenvolvimento motor e funcional". Esta área tem sido valorizada, pois tem a capacidade de adaptar os conteúdos para cada tipo de deficiência, compreendendo técnicas e formas de organização proporcionando condições para realizar a prática de atividades físicas.

Em contrapartida, a Educação Física inclusiva é uma proposta que sugere várias mudanças para as práticas pedagógicas realizadas no âmbito escolar, onde a mesma visa o benefício de todos. É uma mudança que impulsiona uma relevante transformação das práticas consideradas tradicionais por uma prática que leva em consideração as necessidades específicas de cada aluno, bem como as suas possíveis limitações (CAIADO, 2003).

A Educação Física tem que existir para a escola não como aquela disciplina do currículo que só sirva para ser uma mera recreação, ou de excluir aqueles sem condições da sua prática ou para selecionar somente os melhores para uma prática esportiva, por exemplo. No paradigma da inclusão, a Educação Física deve, e pode, possibilitar a mesma oportunidade de sua prática à todos, seja os portadores de necessidades educativas especiais ou não. E o professor terá um papel fundamental, visto que ele deverá conciliar os interesses de todo o grupo (KYRILLOS, 2005, p.14).

Sendo assim, "é necessário redefinirmos e colocarmos em ação novas alternativas e práticas pedagógicas que favoreçam a todos os alunos. [...] – todos são fatores imprescindíveis para promover a qualidade" (CAPELLINI, 2011, p. 138).

A capacitação de professores é um dos principais caminhos para que a inclusão seja efetivada de fato no ambiente escolar. De modo geral, o professor deve ser um agente motivador para a prática da inclusão na escola, assegurando a qualidade do ensino e manutenção do aprendizado dos alunos, á fim de contextualizar a intervenção dialogando sobre o impacto do movimento inclusivo para aqueles alunos que não possuem deficiência (GORGATTI, 2005).

Especificamente, no que se refere à participação dos alunos com deficiência visual nas aulas de Educação Física no âmbito escolar, autores como Costa e Munster (2017) e Haegele et. al (2020), identificaram em suas pesquisas, diversas situações

e momentos da não participação deste público nas aulas de Educação Física, muitas vezes em decorrência da dificuldade do professor em adotar metodologias inclusivas e adaptar materiais para todos os alunos possam participar de maneira igualitária. Sendo assim, esses estudos demonstraram a necessidade de implementação de novas práticas que tratam da inclusão no sentido amplo, através de adaptações no currículo escolar, buscando reestruturar e identificar evidências que possam romper com a exclusão escolar.

Percebe-se que ainda hoje, é muito comum ouvir dos profissionais defenderem que a educação do deficiente visual deve priorizar apenas a educação dos outros sentidos remanescentes, a educação voltada para alunos com qualquer tipo deficiência deve ser por completa, buscando possibilidades para que esse aluno possa ser inserido no processo ensino aprendizagem em toda a sua totalidade (CAIADO, 2003).

5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A prática pedagógica que será utilizada nesta pesquisa será os Três Momentos Pedagógicos, aplicando os conceitos discutidos sobre a temática do filme “Vermelho como Céu”. A partir do filme, no primeiro momento, será realizado um momento de reflexão e apresentação por parte dos alunos sobre os pontos mais relevantes relação aos aspectos que foram expostos anteriormente.

Em relação à aplicabilidade da proposta de intervenção pedagógica, a mesma se concretizará a partir das atividades práticas utilizando os jogos coletivos pré desportivos como um conteúdo que visa à inclusão social como meio para aprimorar a autonomia, o espírito participativo e coletivo de todos.

Quadro 1 – Planejamento geral da intervenção pedagógica

Atividade	Data	Descrição
1º Semana	Encontro Presencial A definir.	Conversa com a equipe pedagógica e com a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) a respeito da participação do aluno com deficiência visual nas aulas de Educação Física.
	Encontro Presencial A definir.	Observação da estrutura física da escola, bem como as possíveis adaptações que foram feitas ou não para atender as necessidades do aluno com deficiência visual.
	Encontro Presencial A definir.	Observação geral das características da turma e uma breve apresentação sobre o meu objetivo em relação à proposta de intervenção pedagógica.
2º Semana	Encontro Presencial.	Apresentar o planejamento para a equipe pedagógica da escola.
	Encontro Presencial.	Conversa com a turma com o intuito de explicar detalhadamente sobre os aspectos gerais que me levaram a pesquisar sobre a temática da inclusão.
	Encontro Presencial.	Aula expositiva e explicativa com a utilização do equipamento de data show para explicar alguns conceitos sobre a inclusão no ambiente escolar e também fora dele.
Carga Horária Presencial: 6h		

Carga Horária Total: 6h

Fonte: elaborado pelo/a autor/a (2021).

A intervenção pedagógica está prevista para acontecer durante nove aulas, com duração de 50 minutos em cada aula, que ocorrerão uma vez por semana.

O filme “Vermelho Como Céu” tem duração de 1 hora e 36 minutos, por isso serão necessárias duas aulas para a exibição do mesmo.

Quadro 2 – Planejamento das atividades pedagógicas.

Data: Segundo semestre de 2021.					
Tema: Jogos pré - desportivos e Inclusão a partir do filme “Vermelho como Céu”.					
Objetivos: discutir e refletir com os alunos questões sobre a inclusão escolar a partir da temática dos jogos pré - desportivos e do filme proposto.					
Conteúdos: Jogos coletivos.					
Unidade Didática		Metodologia	Recursos Didáticos	Avaliação	Pontos
A u l a 1	Exibição do Filme “Vermelho como céu”.	Áudio visual. Para aluno cego, o filme será narrado pela professora de Educação Especial e também com as colocações dos alunos videntes.	Televisão; Data show.	Avaliação Diagnóstica e Formativa.	Não haverá pontuação específica nesta etapa.
A u l a 2	Continuação da exibição do Filme: “Vermelho como Céu”.	Áudio visual. Para aluno cego, o filme será narrado pela professora de Educação Especial e também com as colocações dos alunos videntes.	Televisão; Data show.	Avaliação Diagnóstica e Formativa.	Não haverá pontuação específica nesta etapa.

A u l a 3	Debates e discussões sobre a temática do filme.	Aula expositiva e dialogada.	Data show e quadro branco.	Ocorrerá através do entendimento e ponderações sobre o assunto que está sendo discutido.	-
A u l a 4	Atividade para casa.	Assistir o filme "Black" e fazer um resumo elencando os principais pontos que mais chamaram a atenção. Para aluno cego, o filme será narrado pela professora de Educação Especial e também com as colocações dos alunos videntes.	Televisão; Internet; Computador;	Anotação; Participação e interação;	-
A u l a 5	Aula expositiva;	Aula teórica com apresentação de slides, recortes de filme e documentários sobre a temática da inclusão (ou a falta dela), debates e conversas sobre as diferenças na escola e na sociedade.	Data Show; Computador; Internet;	Participação e interação;	-
A u l a 6	Aula prática.	A turma será em dividida em duplas. Um aluno estará vendado e o outro não. A ideia é que o aluno vivencie o fato de não enxergar se colocando no lugar do aluno cego. O outro aluno que não está vendado o ajudará a se deslocar pelo espaço da escola e depois eles trocarão de função para que todos possam vivenciar os dois momentos.	Vendas para cobrir os olhos.	Participação e colaboração durante a atividade proposta.	-

A u l a 7	Aula prática. Jogo Coletivo pré – desportivo.	Os alunos serão divididos em dois grupos, sendo um em cada metade da quadra. Eles estarão vendados e irão praticar o chute ao gol. Um aluno que não estará vendado será o goleiro e o outro estará atrás das traves para ajudar na percepção auditiva do aluno que está em posse da bola.	Vendas para cobrir os olhos e bolas com guizos e sacolas plásticas.	Avaliação formativa levando em consideração todo conteúdo que foi proposto durante este período.	10 pontos.
A u l a 8	Aula prática: voleibol coletivo com balões.	Serão utilizados balões de boa espessura, com a utilização do guizo ou outro objeto que faça barulho dentro dos balões. O objetivo é jogar o balão para o outro lado da quadra, passando por cima da rede, onde todos os alunos possam tocá-la antes de passar para o lado oposto.	Balões; Guizos;	Participação e envolvimento com a atividade.	-
A u l a 9	Encerramento da proposta de intervenção.	Aula dialogada e reflexiva. Discussão com os alunos sobre os aspectos que foram trabalhados nas aulas teóricas e praticas. Pontuações sobre as relações humanas dentro e fora do ambiente escolar. Contextualização sobre a flexibilização e as adaptações dos conteúdos curriculares a fim de promover a inclusão de todos.	-	-Responder um questionário contendo questões com base no debate que foi proposto. -Produzir cartazes a respeito da temática sobre a inclusão das pessoas com deficiência visual na sociedade. (Elencar as leis e algumas ações que ajudaram a promover a inclusão de uma maneira geral;	20 pontos.

Fonte: elaborado pelo autor (2021).

Sugestão de aula em espaços não formais de educação.

Com base no que foi apresentado e discutido, a ideia da proposta de intervenção pedagógica é que a mesma também possa ser aplicada em espaços não formais de educação, pois podem potencializar e compartilhar os saberes com a escola, dos quais são (re)construídos diariamente. Neste sentido, faz necessário articular a educação, ampliando o seu sentido com o intuito de formar cidadãos críticos, conscientes e responsáveis diante do outro, transformando e ressignificando a realidade social e cultural de toda comunidade escolar.

Tema da Aula	Metodologia	Recursos Didáticos
<p>Visita à praça do bairro próximo à escola.</p> <p>Atividades ao ar livre (alongamentos, caminhada/corrída e uma dança escolhida pelos próprios alunos).</p>	<p>Alguns alunos videntes estarão com os olhos vendados e os outros que estão sem vendas, vão ajudá-los a se locomover pelo espaço do local. O aluno cego será acompanhado pela professora de educação especial e também será auxiliado pelos demais alunos.</p> <p>O alongamento será direcionado através da percepção de movimentos, do toque e da audição incluindo uma linguagem de fácil entendimento para que todos consigam realizar o movimento corretamente.</p>	<p>Colchonetes;</p> <p>Vendas para cobrir os olhos;</p> <p>Barbante;</p>
Segundo Momento	Metodologia	Recursos Didáticos
<p>Caminhada e Corrida.</p>	<p>Os alunos farão caminhadas em torno da praça. Novamente alguns estarão vendados e outros não. Depois, eles inverterão os papéis. O aluno vidente direcionará os alunos vendados e também o aluno cego através de uma espécie de “guia”, material que será feito com barbante.</p>	<p>Barbante;</p> <p>Vendas para cobrir os olhos;</p>
Terceiro Momento	Metodologia	Recursos Didáticos

Uma dança cujo ritmo será escolhido pelos alunos.	Após a escolha da música, os alunos serão direcionados e estimulados através da percepção auditiva, tátil e também das habilidades motoras, tais como: lateralidade, noção de espaço, locomoção, expressão corporal entre outros.	Caixa de som; Vendas para cobrir os olhos;
---	---	---

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

A avaliação será por meio de debates, apresentações e considerações a respeito da inclusão das pessoas com deficiência visual na perspectiva do lazer, levando questões pertinentes acerca desta temática.

6 DISCUSSÃO DOS DADOS

Devido à situação da pandemia disseminada pelo Coronavírus (COVID – 19) no Brasil, não foi possível aplicar a proposta pedagógica na prática. Com isso, é válido ressaltar que essa realidade demandou alterações na rotina, e provocou adaptações no planejamento de toda comunidade escolar. No entanto, os resultados se baseiam em publicações realizadas por autores que estudaram o tema.

Ao decorrer deste trabalho foi possível identificarmos alguns aspectos que tínhamos como objetivo discutir, aspectos esses que se caracterizam em relação à participação dos alunos com deficiência visual nas aulas de Educação Física Escolar, levando em consideração os fatores históricos que possivelmente possa ter levado a exclusão destes alunos durante as aulas.

Sendo assim, um dos motivos que mais são apontados pela literatura para a não inclusão dos alunos com deficiência nas aulas, está na argumentação dos docentes, possivelmente por se tratar de uma realidade diferente em relação à sua formação profissional. Entretanto, “o professor precisa estar consciente de que a atenção à diversidade, que se faz presente na classe, vai exigir dele uma diferenciação de estratégias de ensino” (MARTINS, 2011, p. 121).

Corroborando com este pensamento, onde “[...] parece existir uma relação desta “não participação” do aluno com a ação pedagógica do professor, ou seja, quanto menor a ação do professor, menor o envolvimento e a participação do aluno” (SILVA; SEABRA JUNIOR; ARAÚJO, 2008, p. 109). Para tanto, além da necessidade de se ter uma formação continuada de todos os membros do sistema educacional, mais do que nunca é essencial estabelecer o direito e a garantia constitucional ao acesso e permanência dos alunos com deficiência nas escolas de ensino regular, buscando uma educação de qualidade voltada para todos.

Capellini (2011, p. 129) também aponta que: “[...] muitos professores podem não estar preparados para enfrentar a diversidade na sala de aula, pois nossa formação foi voltada para o aluno ideal”. Em paralelo a este fato, também foi realizada uma análise dos materiais coletados, provocando uma reflexão acerca da Educação Física Escolar como instrumento de inclusão, evidenciando práticas acessíveis a todos os alunos.

Alguns estudiosos apontam a importância da adaptação das atividades, dos espaços físicos e dos materiais que serão utilizados durante a ação pedagógica. Conforme Seabra Junior (2008), algumas atividades de cunho visual devem passar por adaptações com a utilização de diversos materiais, entre eles: cordas, cones, bolas com guizos, dentre outros. No entanto, é válido ressaltar que nem todas as escolas possuem materiais adequados para a prática de atividades, com isso o professor deve buscar meios alternativos e criativos, ampliando a gama de recursos pedagógicos.

Com a intenção de ampliar as estratégias de ensino, e os recursos pedagógicos a fim de organizar e sistematizar os conhecimentos acerca do ensino para os alunos cegos, Bruno (1993), uma das precursoras no País a desenvolver materiais com formas táteis e multissensoriais que puderem contribuir para a autonomia e o senso criativo desses alunos. Exemplos são os brinquedos sonoros e móveis, assim como atividades e jogos de imitação utilizando os movimentos corporais sob a ótica dos componentes descritivos, auditivos e táteis, além de equipamentos que fossem classificados através de texturas, peso e diferentes tipos de materiais.

Seguindo esta mesma perspectiva, Munster (1998), propôs e criou um material pedagógico visando o estímulo perceptivo e motor, tendo como base uma construção artesanal. Elaboraram-se diversos itens, tais como caixas com contraste e texturas, tamanhos e formas diferentes. Esses materiais tinham a intenção de favorecer a associação e a memória organizacional utilizando os objetos e gravuras a fim de desenvolver o sentido espacial e a discriminação tátil.

Melo (1991), também contribuiu de forma significativa, no que diz respeito à preparação de pessoas cegas em relação às técnicas de orientação espacial, percepção cinestésica e locomoção para executar as tarefas motoras e esportivas com maior independência e mobilidade. Deu ênfase em várias estratégias com o intuito de garantir a segurança, bem como o direito de ir e vir em todos os ambientes nos quais os indivíduos cegos façam parte.

Ao analisarem as aulas de Educação Física com o objetivo de identificar o processo comunicativo entre professor/aluno com deficiência e alunos sem deficiência, Palma e Carvalho (2001), chegaram à conclusão de que a maioria dos professores utilizam

as mesmas formas de comunicação nas aulas para todos os alunos, sendo apenas a comunicação verbal o principal meio metodológico para o ensino dos conteúdos. Assim, foi necessário discutir e explorar novas estratégias que possibilitasse a interação de todos através de outros elementos de comunicação, sendo a gestual e a corporal complementando a demonstração das aulas e das atividades.

Sendo assim, levando em consideração o campo visual, bem como as implicações envolvendo os outros sentidos, destacaremos alguns estudos que utilizaram filmes como ferramenta metodológica de ensino. Duarte, (2002, p. 51-52) afirma que: “Filmes não são eventos culturais autônomos, é sempre a partir dos mitos, crenças, valores e práticas sociais das diferentes culturas que narrativas orais, escritas ou audiovisuais ganham sentido”.

No que tange ao tema inclusão nas aulas de Educação Física Escolar, autores como Pertanella et.al, (2009) se basearam nos filmes “Murderball - Paixão e Glória” e “Vermelho como Céu” para trabalhar assuntos como: liderança, inclusão, autonomia, respeito às diferenças e consciência social. Neste sentido, foram desenvolvidas atividades teóricas e práticas com o objetivo de se colocar no lugar outro, vislumbrando questões de acessibilidade e comunicação (ou a falta deles).

Ainda dentro do contexto cinematográfico, Boato (2012) afirma que a apresentação de filmes e outras obras com personagens que possuem algum tipo de deficiência enfatiza a importância de (re)conhecer a deficiência como uma diversidade humana.

Outros filmes também foram utilizados no ambiente escolar como estratégia de ensino para fomentar discussões em torno do conteúdo proposto, potencializando e fundamentando o conhecimento.

Pinto e Pereira (2005) utilizaram o filme “Boleiros: era uma vez o futebol” para os acadêmicos de Educação Física, a fim de promover discussões e reflexões acerca da cultura corporal de movimento – neste caso o do futebol - enquanto esporte predominante nas escolas e nas aulas de Educação Física. Busca-se analisar os aspectos inerentes ao filme, bem como perceber a importância e as possibilidades da utilização do cinema no ambiente escolar, sobretudo nas aulas de Educação de Física.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a educação inclusiva no Brasil, é uma realidade, regida por várias leis, e diz respeito às transformações didático-pedagógicas que vão muito além das estruturas físicas e funcionais da escola, ou seja, pensar em inclusão significa, sobretudo, se apropriar de conhecimentos ressignificando o olhar acerca deste público.

Nesse sentido, as discussões sobre a inclusão de alunos com deficiência nas escolas vêm se ampliando no cenário educacional em diferentes dimensões. Em decorrência dessas discussões, tem-se a cada vez mais produzido conhecimento, contribuindo para o contexto da educação brasileira. Em contrapartida, encontramos em várias literaturas que a inclusão escolar no âmbito da área da Educação Física, apesar de amplas, configura-se como uma tarefa complexa, tendo em vista que esse componente curricular tem a sua história marcada por uma trajetória de exclusão.

Foi apontando em diversos momentos que a condição de deficiência visual dos alunos, fez com que houvesse um afastamento ou certa privação no que diz respeito à participação nas aulas de Educação Física Escolar.

O ato de incluir alunos com deficiência na escola exige esforços por parte de todos que estão inseridos no ambiente escolar, principalmente dos professores, pois, estes são os agentes transformadores, responsáveis pela construção de uma educação de qualidade.

As particularidades de cada indivíduo que está inserido no processo ensino aprendizagem, com a sua carga de experiências e diferentes aprendizados, demanda uma forma peculiar de enxergar os alunos em toda sua abrangência e complexidade, refletindo sobre a sua postura diante dos desafios.

Por isso, se faz necessário que as aulas de maneira geral, especialmente as de Educação Física sejam ricas em vivências, incluindo, jogos/atividades diversificadas, recursos didáticos e tecnológicos e que, principalmente, os alunos possam ser participantes ativos do aprendizado. Sendo assim, através das leituras e reflexões que compuseram este trabalho, foi possível constatar que o aluno com deficiência visual não deve ser privado de participar das aulas de Educação Física, mas sim

estimulado e orientado, adquirindo autonomia para que se torne um sujeito atuante na prática social.

Para finalizar, esperamos que a realização de mais pesquisas, bem como as constantes discussões sobre o tema possam ser ampliadas a fim de evidenciar a importância desse objeto de estudo.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.
- BAPTISTA, C.R. A inclusão e seus sentidos: entre edifícios e tendas. In: _____. **Inclusão e Escolarização: múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- BARBOSA, M. Sujeito, linguagem e emoção a partir do diálogo entre e com Bakhtin e Vigotski. In: SMOLKA, A. L. B; NOGUEIRA, A. L. H. (org.). **Emoção, memória, imaginação: a constituição do desenvolvimento humano na história e na cultura**. São Paulo: Mercado das Letras, 2011. p .11-34.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Portugal: Edições 70, LDA, 2010.
- BETTI, M; ZULIANI, L; R. Educação Física Escolar: Uma proposta de Diretrizes Pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. Bauru, 2002.
- BRANDÃO, C.R. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRASIL, Ministério da Educação - **Secretaria de Educação Especial**. Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC/SEESP, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB017_2001.pdf> Acesso em: 02 jul. 2021.
- BOATO, E.M. A educação física escolar frente os desafios da inclusão. In: CHICON, J.F; RODRIGUES, G.M. (org.). **Educação física e os desafios da inclusão**. Vitória, ES: Edufes, 2010. p. 104-139.
- BRUNO, M. M. G. **Avaliação educacional para alunos com baixa visão e múltipla deficiência na educação infantil: uma proposta para adaptação e elaboração de instrumentos**. 2005. 160 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual “Julio de Mesquita Filho”, Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de PósGraduação em Educação, Unesp, Marília, 2005.
- CAIADO, K.R.M. **Aluno deficiente visual na escola: lembranças e depoimentos**. Campinas: Autores Associados, 2003.
- CAPELLINI, V.L.M.F. Infância e inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais. In: VICTOR, S.L.; DRAGO, R.; CHICON, J.F. (org.). **Educação Especial e Educação Inclusiva: conhecimentos, experiências e formação**. Araraquara, SP: Junqueira e Marin, 2011. p. 128-151.
- CARDOSO, M. da S.; Aspectos históricos da educação Especial: da exclusão a inclusão – uma longa caminhada. In: CAMACHO, T. O; CLAUS, S.D. (org.). **Educação Especial: em direção á inclusão escolar**. 2 ed. Porto Alegre: Edipucrus, 2004.p. 31-49.
- CASTRO, E. M. de. **Atividade Física Adaptada**. Ribeirão Preto, SP: Tecmedd, 2005.

CERVO, A.L.; **Metodologia Científica: para uso dos estudantes universitários**. 3. ed. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CHICON, J. F. Inclusão e Exclusão no Contexto da Educação Física Escolar. In: **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 01, p. 23, 2008.

CHICON, J.F.; SILVA DE SÁ, M.G.C. Educação Física e as possibilidades de inclusão. In: In: VICTOR, S.L.; DRAGO, R.; CHICON, J.F. (org.). **Educação Especial e Educação Inclusiva: conhecimentos, experiências e formação**. Araraquara, SP: Junqueira e Marin, 2011.p. 166-184.

CIDADE, R.E.A.; FREITAS, P.S.de. **Introdução á educação física adaptada para pessoas com deficiência**. Curitiba: UFPR, 2009.

COSTA, C.M; MUNSTER, M.A.V. Adaptações Curriculares nas aulas de Educação Física envolvendo estudantes com deficiência visual. **Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.23, n.3, p.361-376, Jul.-Set., 2017**. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbee/a/VcrfYPb3WrgXTrFc9NYmLYk/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 20 ago.2022.

COZENDEY, S. G.; COSTA, M. P. R. Utilizando a audiodescrição como um recurso de ensino. **Revista Ibero-americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 3, p. 1164-1186, 2018.

DALFOVO, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008. Disponível em: < http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/metodos_quantitativos_e_qualitativos_um_resgate_teorico.pdf> Acesso em: 10 jul. 2021.

DAMKE, I. R. **O processo do conhecimento na pedagogia da libertação: as idéias de Freire, Fiori e Dussel**. Petrópolis: Vozes, 1995.

DAMIANI, M. F. *et al.* Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação**, Pelotas (FaE/UFPel), n. 45, p. 57-67, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/3822>. Acesso em: 08 out. 2021.

DARSIE, M. M. P. 1999. Perspectivas Epistemológicas e suas Implicações no Processo de Ensino e de Aprendizagem. Cuiabá, Uniciências, v3: 9-21.

DARIDO, S. C. **Educação Física na Escola: Questões e Reflexões**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2003.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A. **Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DUARTE, N. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vygotsky**. São Paulo, Autores Associados, 1999, 98 p.

DUARTE, R. **Cinema & Educação**. – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Educação e atualidade brasileira**. 3. Ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, M. T. de A. As apropriações do pensamento de Vygotsky no Brasil: um tema em debate. In: Psicologia da Educação. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000, n.10/11: 9-28.

GADOTTI, M. **Paulo Freire: uma bibliografia**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1996.

GALVÃO FILHO, T. A. A. Construção do conceito de tecnologia assistiva: alguns novos interrogantes e desafios. **Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade**, 2013 2(1), 25-42.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2010.

GLAT, R; et.al. A educação especial no paradigma da inclusão: A experiência da Rede Pública Municipal de educação do Rio de Janeiro. In: XIII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO. **Anais Eletrônicos...** 2006, Pernambuco,. Disponível em:
<<http://www.educacaoparavida.com/resources/A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20especial%20no%20paradigma%20da%20inclus%C3%A3o.pdf>> Acesso em: 13 abr. 2022.

GORGATTI, M.G. **Educação física escolar e inclusão: uma análise a partir do desenvolvimento motor e social de adolescentes com deficiência visual e das atitudes dos professores**. 2005. 189 f. (Tese de Doutorado) Escola de educação física da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

GUTIÉRREZ, F. **Educação como práxis política**. São Paulo: Summus, 1988.

HAEGELE, J; et.al. **Understanding the Inclusiveness of Integrated Physical Education From the Perspectives of Adults With Visual Impairments**. Adapted Physical Activity Quarterly: APAQ, v.37, n.2, p. 141-49, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1123/apaq.2019-0094>. Acesso em: 08 jul. 2022.

KYRILLOS, M.H.M. **O Deficiente Visual: Considerações acerca da prática da educação física escolar na educação inclusiva**. 2005. 35 f. Pós-Graduação (Monografia) Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2005.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa, Livros Horizonte, 1978.

LIBÂNEO, J. **Didática. Os objetivos e conteúdos de ensino**; Os métodos de ensino; São Paulo: Cortez, 1993.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

LIMA, S. M. T. Práticas Pedagógicas na Educação Física Para Pessoas Com Necessidades Educacionais Especiais: Algumas Possibilidades. In: CHICON, F.; RODRIGUES, G.M. (Org) **Educação Física e os desafios da inclusão**. Vitória, ES: EDUFES, 2010. 212 p. p. 140 – 155.

LIPPE, E.O; ALVEZ, F.S; CAMARGO,E.P; ANÁLISE DO PROCESSO INCLUSIVO EM UMA ESCOLA ESTADUAL NO MUNICÍPIO DE BAURU: a voz de um aluno com deficiência visual. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v.14 | n. 02, p. 81-94. maio-ago, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epec/a/Lckw5RWhFrJTSdsvBCNdgt/?lang=pt&format=pdf>
Acesso em: 05 ago.2022.

LOPES, K. A. T. **Aluno com deficiência física em aulas regulares de Educação Física:**

prática viável ou não? Um estudo de caso. 1999. 169 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E. V. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, L.A.R. Alunos com necessidades educacionais especiais e as práticas pedagógicas na escola regular. In: VICTOR, S.L.; DRAGO, R.; CHICON, J.F. (org.). **Educação Especial e Educação Inclusiva: conhecimentos, experiências e formação**. Araraquara, SP: Junqueira e Marin, 2011. p. 115-127.

MELO, R. **5 Leitores de tela para seu computador**. Disponível em: <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/acessibilidade-digital/emag-descricao-dos-leitores-de-tela.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.

MELO, H. F. R. **Deficiência visual: lições práticas de orientação e mobilidade**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1991. 158 p.

MUNSTER, M de A.V. **Estimulação perceptivo-motora em crianças portadoras de deficiência visual**: proposta de utilização de material pedagógico. 1998. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998.

PADILHA, A.M.L. O que fazer para não excluir. In: GÓES, M. C. R; LAPLANE, A. L. F. (org.). **Políticas e Práticas de Educação Inclusiva**. 2.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. p. 93-120.

PALMA, L.E; CARVALHO, S. A Comunicação nas aulas de educação física: um estudo do comportamento com portadores de deficiência. **Kinesis**, Santa Maria, n.25, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/10215/6207> Acesso em: 05 ago. 2022.

PERTANELLA, D; et.al. A utilização de filmes como recurso didático nas aulas de Educação Física Escolar. **Revista Digital – Efdeportes**. Buenos Aires, n.139, 2009. Disponível em <http://www.efdeportes.com/> Acesso em: 04 ago. 2022.

PEDRINELLI, Verena Junghaknel. Possibilidades na diferença: o processo de inclusão, de todos nós. **Revista Integração**. Ano 14, Edição Especial, 2002.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

PINTO, F.M; PEREIRA, L.G. A experiência de ver filmes na formação inicial de professores de Educação Física. **Pensar a Prática**. V.8, n.1 101-115, Jan./Jun. 2005. Disponível em:< <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/107/102>> Acesso em: 25 jan. 2022.

REGO, T. C. 1999. **Vygotsky: uma perspectiva Histórico-Cultural da Educação**. Rio de Janeiro, Vozes, 138 p.

RODRIGUES, G.M. O ser e o fazer na educação física: Reflexões acerca do processo de inclusão escolar. In: CHICON, F.; RODRIGUES, G.M. (org.). **Educação Física e os desafios da inclusão**. Vitória, ES: Edufes, 2010. p.10-27

RODRIGUES, David (org.). **Inclusão e Educação: doze olhares sobre a Educação Inclusiva**. São Paulo. Summus Editorial, 2006.

ROSADAS, S. C. de. **Educação Física e Prática Pedagógica: portadores de deficiência mental**. Vitória: UFES. Centro de Educação Física e Desportos, 1994.

SACRISTÁN, J. G. PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. 4ª Ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SASSAKI, R.K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro, Editora: WVA, 1997.

SENICIATO, T; CAVASSAN, O; Aulas de campo em ambientes naturais e aprendizagem em ciências – um estudo com alunos do ensino fundamental. **Ciência & Educação**, v. 10, n. 1, p. 133-147.2004.

SILVA, M. CILENTO, S.A. Educação e Contemporaneidade, . **Revista da FAEEBA –** Salvador, v. 23, n. 42, p. 207-218, jul./dez. 2014.

SILVA, R.F.da.; SEABRA JUNIOR, L.; ARAÚJO, P.F.de. **Educação Física Adaptada no Brasil: dá história á inclusão educacional.** São Paulo: Phorte, 2008.

SOARES, C.L et. al. **Metodologia do ensino da educação física.** São Paulo: Cortez, 2009.

SOUSA JÚNIOR, J. **Marx e a crítica da educação: da expansão liberal-democrática à crise regressivo-destrutiva do capital.** Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

SOUZA, A. I. Educação e atualidade brasileira: a emersão do povo na história. In: SOUZA, A. I. (Org.). **Paulo Freire: vida e obra.** São Paulo: Expressão Popular , 2001. p. 33-68.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

VAGO, T.M. Intervenção e conhecimento na escola: por uma cultura escolar de educação física. In: GOELLNER, S.V. (org.). **Educação física/ciências do esporte: intervenção e conhecimento.** Florianópolis: Colégio Brasileiro de ciências do esporte, 1999. p. 17-36.

VEIGA, I. P.A. **A prática pedagógica do professor de Didática.** 2. Ed. Campinas, Papyrus, 1992.

VERGARA-NUNES, E. Audiodescrição didática. 2016. 411 f. **Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento)** - Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/167796>. Acesso em: 10 jul. 2021.

VIGOTSKI, L. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, p. 21-44, 2000.

VYGOTSKY, L . **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.